

Paul F. Lazarsfeld: fundador de uma multinacional científica¹²

Michael Pollak³

Resumo

Este artigo examina os condicionantes sociais da carreira de Paul F. Lazarsfeld, buscando determinar os fatores de ruptura e de continuidade que a caracterizam. Na primeira parte, analisa a juventude de Paul F. Lazarsfeld a partir de sua relação com os meios socialistas e judeus de Viena. Na segunda parte, estuda as reações diferenciais à emigração, apoiando-se particularmente na comparação entre as atitudes opostas de Theodor Adorno e de Paul Lazarsfeld. Em seguida, analisa as capacidades específicas que permitiram a Lazarsfeld fundar uma nova forma de empreendimento intelectual, assentado sobre uma divisão racional do trabalho e uma organização quase industrial da produção intelectual, o que foi possível graças ao uso de uma metodologia positivista que segmentava e mecanizava as diferentes operações intelectuais. Por fim, o trabalho examina as estratégias por meio das quais, apoiando-se sobre a política das fundações privadas, Lazarsfeld contribuiu para exportar para a Europa do Leste e do Oeste a sociologia empírica americana e, ao mesmo tempo, o modelo de relações que associa a pesquisa social a agentes econômicos e políticos, tal como se constituiu nos Estados Unidos durante os anos 1920 e 1930. Uma estratégia de conquista de novos mercados intelectuais que coincidiu com as estratégias de modernização e de reconquista ideológica que ocorriam na Europa nesse mesmo período.

Palavras-chave: Sociologia da sociologia. Paul F. Lazarsfeld. Internacionalização da sociologia norte-americana. Ciência social e engajamento. Fundações privadas. Financiamento à pesquisa.

1 Publicado originalmente em: POLLAK, Michael. Paul F. Lazarsfeld, fondateur d'une multinationale scientifique. *Actes de la recherche en sciences sociales*. n° 25, janvier, 1979, p. 45–59. [Le pouvoir des mots]. Tradução de Camila Qui Rosatti e Revisão de Marcia Consolim.

2 Este trabalho não teria sido possível sem as entrevistas que amigos e colegas de Paul Lazarsfeld me concederam. Gostaria de agradecer particularmente a Freda Meissner Blau e a Paul Blau, que me ajudaram a conhecer o clima intelectual austríaco e o meio em que Lazarsfeld passou sua juventude, e a Rose K. Goldsen, colaboradora de Lazarsfeld durante longos anos na Universidade de Newark e no Bureau of Applied Social Research, atualmente professora de sociologia na Universidade de Cornell. Também agradeço a V. Karady e a D. Merlié pelas críticas e pela releitura minuciosa que ambos fizeram deste texto. G. Stourzh teve a gentileza de me comunicar a lista não publicada de intelectuais austríacos emigrados aos Estados Unidos.

3 Michel Pollak foi directeur de recherche no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS).

À primeira vista, é difícil compreender que Paul Lazarsfeld⁴, símbolo de um empirismo apolítico, para não dizer “anti-político”, projetara construir uma psicologia social compatível com o marxismo no início de sua carreira, no final dos anos 1920, e fora um militante muito ativo nas organizações de juventude socialistas na Áustria. Neste artigo, a reconstrução de sua biografia intelectual e política visa analisar a continuidade de seu projeto intelectual em meio às rupturas associadas à imigração, mas também as descontinuidades evidentes que caracterizam tal projeto.

O engajamento político

Lazarsfeld nunca negou a influência de sua militância no partido socialdemocrata em sua decisão de se aventurar na pesquisa social, mas raros são os testemunhos do pós-guerra que revelam seu passado como militante e líder político ativo⁵. O pai de Paul F. Lazarsfeld era um advogado que militava no partido socialdemocrata e dava assessoria jurídica gratuita para militantes acusados de delitos políticos. Ele foi amigo próximo de quase todos os teóricos do austro marxismo do início do século XX. É por isso que, em 1916, os filhos de Lazarsfeld passaram suas férias num hospital dirigido por Rudolf Hilferding⁶. A mãe de Lazarsfeld, Sophie, transformou sua casa em um centro de encontro de intelectuais, militantes ou não, próximos ao partido. Assim como a revista *Der Kampf*, que agrupava os mais importantes teóricos “austro-marxistas” (Otto Bauer, Karl Renner, Rudolf Hilferding, Max Adler), esse salão era um dos locais mais importantes de encontro de intelectuais socialistas. No entanto, o engajamento socialista não era a única razão da coesão desse grupo de intelectuais. É preciso mencionar também a origem judaica da maior parte deles. A associação entre os intelectuais judeus e a socialdemocracia na Áustria resulta, em

4 Paul Felix Lazarsfeld (1901–1976) nasceu em Viena e morreu em Nova Iorque. Emigrou para os Estados Unidos em 1933 (N.T.).

5 À exceção do prefácio do livro de Yvon Bourdet, no qual Lazarsfeld conta as ligações oficiais que ele tinha com a 5ª Seção da SFIO e com Léo Lagrange, durante sua temporada de estudos em Paris, entre 1922 e 1923 (BOURDET, 1968, p.7-8).

6 Trata-se de um médico e economista, autor do livro *Finanzkapital*, teórico austro-marxista que publicava com frequência na revista *Der Kampf* antes de se instalar na Alemanha, onde foi um dos ministros das finanças da República de Weimar. Para esse período da vida de Lazarsfeld, ver: Maitron e Haupt (1971, p. 182–194). Essas informações foram complementadas com entrevistas realizadas com amigos austríacos de Lazarsfeld.

grande parte, da evolução específica do movimento liberal austríaco no século XIX.⁷

Em 1867, quando o partido liberal chegou pela primeira vez ao poder, reformistas os mais diversos se uniram em prol de um regime constitucional para a monarquia austro-húngara a fim de limitar o poder imperial, reduzir a influência da Igreja Católica, estabelecer uma representação parlamentar e garantir os direitos individuais. Para a comunidade judaica, essa política dava esperança de finalmente escapar da discriminação. Desde meados do século XIX, assistia-se a um movimento migratório de judeus oriundos de meios populares e de regiões orientais do Império em direção às cidades da Áustria e sobretudo a Viena. Em Viena, o número de judeus passou de 19.600, em 1856, para 175.318, em 1910. Muitos desses recém-chegados conseguiam se engajar em carreiras intelectuais (letras, medicina, direito), uma ascensão social acompanhada da assimilação à cultura alemã dominante. As reformas que um movimento liberal de predominância alemã podia introduzir estavam limitadas por uma política centralista, que visava a preservação da unidade da monarquia, e pelo etnocentrismo cultural alemão, que considerava o desenvolvimento dos diferentes povos da monarquia como uma ascensão progressiva à “elevada civilização alemã”. Incapaz de encontrar uma solução para o problema das nacionalidades face à contestação húngara e eslava, a burguesia de língua alemã, que havia favorecido a ascensão ao poder do movimento liberal, foi progressivamente tomada por um nacionalismo pangermânico com forte coloração antisemita. De início, essa evolução se manifestou nos grupos de estudantes⁸. Outra grande força política do país, o movimento social-cristão, que exprimia os interesses da pequena burguesia artesanal e comercial e do campesinato, estava marcado pelo antisemitismo religioso ligado ao catolicismo militante.

Em relação ao problema das nacionalidades (e, portanto, indiretamente, da comunidade judaica) o partido socialdemocrata, cujo número de

7 Para uma história dos judeus da Áustria e da relação entre judeus e austríacos, ver: Institut für Judaistik der Universität (1974) e GOLD (1966).

8 É no grupo “Akademische Lesehalle Wien” que surgiu, a partir de 1880, a ideologia pangermanista com forte coloração antisemita. Para saber mais, ver: Testenoire (1975). É interessante notar que por volta de 1875 participavam desse grupo liberal-radical os estudantes Sigmund Freud, Victor Adler, fundador do partido socialdemocrata, o escritor Arthur Schnitzler e Theodor Herzl (fundador do movimento sionista).

adeptos não parava de crescer, era o único que rejeitava a ideia da manutenção da dominação alemã. As reflexões que os teóricos austro-marxistas (sobretudo, Otto Bauer e Karl Renner) consagraram à questão nacional são ensaios para aprofundar e concretizar o pensamento marxista e para manter a unidade da organização⁹. Desde muito cedo, mas sobretudo a partir dos anos 1880, marcados por uma forte onda de antissemitismo, o partido socialdemocrata era considerado pelos intelectuais judeus como a melhor garantia de segurança de sua comunidade e como a única força política capaz de ultrapassar o nacionalismo e o racismo. Muitos intelectuais judeus, que haviam começado a militar nos grupos de estudantes liberais, iriam aderir ao partido socialdemocrata desde a sua criação, entre os quais, seu fundador, Victor Adler. A atração que o movimento operário exercia sobre a comunidade judaica não se limitava apenas aos intelectuais: durante esse período, assiste-se também ao nascimento de movimentos autônomos de operários judeus da Europa do Leste (na Rússia e na monarquia austro-húngara), que lutavam em consonância com os partidos socialdemocratas (BUNZL, 1976).

Uma das pessoas que frequentavam com mais assiduidade o “salão Lazarsfeld” era Friedrich Adler, filho do fundador do partido socialdemocrata austríaco e muito ligado à Sophie Lazarsfeld. Foi à Sophie que ele endereçou suas primeiras cartas depois de ser preso. Personalidade científica e política, sua influência sobre Lazarsfeld parecia dupla. Em razão de seu pacifismo e de sua oposição à Primeira Guerra Mundial, Friedrich Adler era frequentemente comparado à Rosa Luxemburgo e a Karl Liebknecht; mas ficou amplamente conhecido, em 1916, pelo assassinato deliberado do primeiro-ministro austríaco, o Conde Sturgkh, com o objetivo de protestar contra os sofrimentos causados pela guerra. No entanto, frequentemente se esquece que Adler, aluno de Ernst Mach, em Zurique, assim como Albert Einstein, estava inicialmente destinado a carreira universitária de físico. Escolhido por Mach para lhe suceder, Adler renunciou ao posto

9 *Essa dupla preocupação surge da discussão no órgão teórico do partido, Der Kampf, onde o problema das nacionalidades domina até 1918. Encontram-se aí análises muito bem documentadas sobre a influência das nacionalidades em diferentes regiões, suas chances de acesso à função pública, os problemas linguísticos etc. para saber mais, ver: Bauer (1907). Ver também a aplicação dessa teoria à questão judaica em: Adler (1933, p. 11 ss).*

para promover a carreira de Einstein, que ele julgava mais talentoso.¹⁰ Sua adesão científica ao empiriocriticismo, cuja compatibilidade com o materialismo histórico de Marx ele tentava demonstrar em diversos artigos da revista teórica do partido austríaco *Der Kampf*¹¹, rendeu-lhe a hostilidade de Lenin, que o atacou no *Matérialisme et empiriocriticisme*. Depois da guerra, Adler ocupou por muito tempo o posto de secretário da Segunda Internacional, onde lutava por uma aproximação com a Terceira Internacional, em particular por meio da criação da “Internacional Dois e Meio”¹².

Na época do julgamento de Friedrich Adler, o jovem Lazarsfeld está no grupo daqueles que se manifestam em favor do acusado. Ele frequenta diferentes grupos de estudantes de esquerda, por vezes rompidos com o partido, alguns dos quais formarão anos mais tarde a base militante do partido comunista¹³. Depois da guerra, ele adere aos “Falcões Vermelhos” e colabora com Robert Danneberg, responsável pelas organizações da juventude e educação socialistas, um dos administradores mais eminentes da “Viena Vermelha”. Em sua prática científica, Lazarsfeld queria igualmente seguir seu mestre Friedrich Adler: ele fez estudos de matemática e física, e se tornou, em meados dos anos 1920, professor em um liceu de Viena (Realgymnasium 7). Sua referência em filosofia foi o empiriocriticismo, desenvolvido por Mach na área da física, fortalecido pela tradição positivista austríaca representada por Schlick (professor na Universidade de Viena) e pelo “Círculo de Viena”. É essa formação que está na origem de sua concepção específica de sociologia. Nenhuma experiência profissional ou política poderia ter mudado alguma coisa, nem mesmo o contato com a psicanálise. Durante os anos 1920, os círculos psicanalíticos, sobretudo Alfred Adler, puderam assegurar uma certa influência sobre a política da municipalidade de Viena em matéria de educação. Alfred Adler era responsável por diversos centros de consultoria pedagógica para pais e escolas (ORGEL, 1956). Sophie Lazarsfeld foi uma aluna entusiasta de Adler e

10 A fecundidade científica da amizade entre Adler e Einstein foi descrita por FEUER (1971, p. 278–298, 313–344.)

11 Para saber mais, ver: Adler (1907, p. 231–239, 1908, p. 452, 1918, 1920).

12 Sobre a vida de Friedrich Adler, ver: Braunthal (1964).

13 Ver Hautmann (1971, p. 65), que cita Lazarsfeld como um dos estudantes militantes que contribuiu para a constituição de uma rede ilegal de comitês de estudantes do ensino médio em 1916–1917.

publicou um livro sobre a emancipação da mulher¹⁴. Os psicanalistas frequentavam o “salão” Lazarsfeld. O próprio Lazarsfeld tinha colaborado com um estudo sobre métodos em educação para um jardim de infância experimental, um empreendimento “freudiano”¹⁵. Mas todos esses encontros foram passageiros. Seus amigos íntimos contam que sua admiração profunda estava reservada aos físicos e matemáticos, tais como Friedrich Adler, Einstein e Mach, seus mestres diretos e indiretos.

O evento que marca a futura carreira de Lazarsfeld é sua entrada, em 1927, na equipe do casal Charlotte e Karl Buhler, na condição de estatístico. De origem alemã e judaica, os “Buhler” ocupavam no campo intelectual vienense um lugar à margem da universidade de Viena. Como dirigentes do Instituto de Pedagogia da cidade de Viena, financiado principalmente pela municipalidade socialista, eles dispunham de um orçamento próprio para a pesquisa. Esse instituto cumpria também a função de formação permanente para professores da cidade. Eles se beneficiavam, portanto, por terem acesso privilegiado a seu campo de pesquisa. Contudo, na condição de simples *chargé de cours*¹⁶, os *Buhler* estavam pouco integrados ao sistema universitário. Eles frequentemente tiveram que enfrentar a hostilidade dos estudantes nacionalistas. No entanto, essa posição marginal conferia aos *Buhler* papel inovador em um universo científico particularmente conservador. As ciências sociais ensinadas na universidade estavam ainda dominadas pela doutrina social católica e pelo pensamento corporativista professado por Othmar Spann, enquanto os *Buhler* se dedicavam à elaboração de técnicas empíricas capazes de fazer progredir a psicologia experimental e a psicologia social em bases objetivas. Os membros do Instituto de Pedagogia se uniam pelo interesse em metodologia, pela simpatia aos ideais socialistas e pela forte coesão de grupo, o que lhes possibilitou conduzir um empreendimento intelectual original. Naquele época, as relações de poder no interior das universidades, administradas por conservadores e repletas de antisemitas, eram particularmente

14 Para conhecer o livro, ver Lazarsfeld (1931).

15 A narrativa dessas experiências é a primeira publicação de Lazarsfeld (1925). Ver também: Lazarsfeld (1969, p. 273).

16 Cargo temporário e vinculado estritamente ao ensino (N.T.)

desfavoráveis aos socialistas e aos judeus. O vínculo de Lazarsfeld a esse instituto não representa, portanto, um ingresso na carreira universitária.

Depois o ingresso no instituto dos *Buhler*, suas atividades propriamente militantes diminuem, mas Lazarsfeld tenta conduzir suas pesquisas em parceria com os dirigentes do partido. Ele cria um pequeno instituto de pesquisa ligado ao centro dos *Buhler*, que é financiado por contratos privados. Mas ele próprio invoca dificuldades materiais quando relata a criação do centro *Österreichische Wirtschaftspsychologische Forschungsstell* (LAZARSELD, 1969, p.274 ss). Pois seu salário de estatístico e de assistente de pesquisa no instituto dos *Buhler* não permitia que ele abandonasse seu posto de professor do ensino secundário. Assim, a criação de um centro de pesquisa comercial se apresentava como uma solução a esse problema. Ao procurar contratos de pesquisa em empresas comerciais e meios de comunicação de massa, o centro empreendeu, por exemplo, estudos sobre o público-ouvinte de rádio austríaca Rawag, além de aceitar trabalhos de coleta de dados como terceirizado para outros centros de pesquisa. Max Horkheimer e o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt estavam entre seus clientes, pois tinham encomendado a parte empírica do estudo sobre autoridade e família na Áustria, projeto em colaboração com Erich Fromm. Outro cliente importante foi o partido socialista, que procurava fundamentar suas decisões políticas com base em informações sociais mais detalhadas. Essa infraestrutura tornou possível as primeiras grandes pesquisas sociográficas *Jeunesse et métier* [Juventude e Profissão] (1931) e *Les chômeurs de Marienthal* [Os desempregados de Marienthal] (1934). O estudo sobre os efeitos sociais do desemprego prolongado na pequena cidade de Marienthal é a obra mais importante dessa época, elaborada, sob a direção de Lazarsfeld, por um grupo de jovens pesquisadores militantes do partido socialista, entre os quais Hans Zeisel e sua segunda esposa, Maria Jahoda¹⁷. Seria inútil avaliar a contribuição dos diferentes membros da equipe. Mas, depois de Lazarsfeld, a contribuição de Maria Jahoda foi fundamental. O encontro de interesses científicos e de preocupações políticas é evidente nesse caso. No início, Lazarsfeld havia proposto a Otto Bauer,

¹⁷ Cientificamente menos importante, mas mais significativa para a composição do grupo foi a colaboração de Bruno Kreisky, na época militante na juventude socialista, o que foi enfatizado por Lazarsfeld na entrevista.

um dos dirigentes do partido, um trabalho sociológico sobre as práticas de lazer, domínio também tratado nas pesquisas encomendadas pela sociedade radiofônica austríaca Rawag. No entanto, Otto Bauer recusou financiar uma pesquisa sobre um problema que não lhe parecia importante naquela conjuntura econômica e daí o novo objeto.

Desde essa época, surge como questão qual seria a concepção de socialismo que engendraria uma relação específica entre política e pesquisa social. Praticamente todos os historiadores estão de acordo ao observar que, desde os anos 1890, ou desde a criação dos partidos socialdemocratas alemão e austríaco, o discurso revolucionário marxista servia para unir correntes divergentes, mas dissimulava uma prática reformista.¹⁸ Na política socialdemocrata da Europa Ocidental, a influência determinante veio de Ferdinand Lassalle. Em oposição a uma doutrina revolucionária que projetava no horizonte o esgotamento do Estado, ele argumentava que as condições da classe trabalhadora deveriam melhorar apoiando-se em uma política social estatal, e que era preciso, portanto, investir nos aparelhos de Estado. Esse deslocamento, na política socialdemocrata, do conceito de “revolução” e de “fim do Estado e da dominação” em direção à “questão social” e à “política social”, transformou em futuros gestores do Estado toda uma fração de funcionários do partido e dos sindicatos, grupo já habituado ao trabalho de gestão, mais do que de ação, em razão do crescimento de organizações operárias. Esses gestores de “problemas sociais” reconheceram muito cedo que a produção de informações detalhadas tinha uma grande importância para a formulação de suas estratégias. Os protagonistas desse socialismo agraciado “pelo alto” acreditavam que com a ajuda da pesquisa social poderiam estabelecer o perfil dos interesses e desejos da “base”, que deveria orientar sua ação. Essa tradição também desconfia da ação espontânea, incluindo a da classe operária, mas confia na organização e na direção esclarecida.

Os efeitos da emigração

A publicação de suas duas pesquisas (*Juventude e Profissão* e *Os desempregados de Marienthal*) assegurou a Lazarsfeld certo reconhecimento nos

18 Para a Áustria, ver: Leser (1968).

meios sociológicos estrangeiros. No entanto, mais do que essas pesquisas, foram os trabalhos de *marketing* de seu centro que suscitaram o interesse da Fundação Rockefeller, que lhe ofereceu, em 1932, uma bolsa de viagem de dois anos. Nos Estados Unidos, Lazarsfeld era conhecido de maneira indireta no meio das pesquisas de mercado, por ter realizado, como subcontratado, uma série de entrevistas sobre a escolha do sabonete para uma agência de pesquisa americana. Em artigo autobiográfico, Lazarsfeld explica que “[...] a equivalência metodológica entre o voto socialista e a compra de um sabão.” havia incitado seu interesse pelo *marketing*, algo que ele jamais abandonou (LAZARSFELD, 1969, p. 279). Seu primeiro artigo publicado nos Estados Unidos sobre técnica de entrevista aparece em uma revista de *marketing* (LAZARSFELD, 1935, p. 32-43).

A chegada de Lazarsfeld nos Estados Unidos corresponde ao primeiro crescimento, na segunda metade dos anos 1920, da pesquisa social aplicada. O governo americano, no início, sob a presidência de Hebert Hoover, e mais tarde, de Franklin D. Roosevelt, começa a utilizar de maneira sistemática a pesquisa social nascida nos meios de negócios em torno de problemas de gestão, organização do trabalho e *marketing* para fins de estratégia política. Com o aumento massivo dos meios consagrados à pesquisa social aplicada, os anos 1930 são um período chave de transformação das ciências sociais americanas, mais também de estilo político (KARL, 1963). A “política” (*politics*) como atividade de argumentação e de mobilização de massas foi progressivamente abandonada e substituída pelo *policy making*, a elaboração científica e a escolha entre soluções alternativas para problemas isolados, uma atividade apresentada como técnica e, portanto, reservada à elite. A reorganização e a profissionalização das ciências sociais durante esse período resultaram em um vínculo muito estreito entre política e pesquisa e, com o tempo, um alinhamento ideológico dos universitários com o sistema político dominante, destruindo as sobras de desconfiança que caracteriza frequentemente as relações entre os intelectuais e o poder. A manifestação mais marcante dessa transformação foi a emergência desde então de um novo tipo de pesquisa, que pretendia abolir os limites entre a atividade política e a atividade científica: as *policy sciences*¹⁹. Fiéis à sua

19 Um dos primeiros volumes que traça a história dessas pesquisas e que resume as técnicas é Lasswell (1951).

tradição tipicamente puritana de associações caritativas e filantrópicas, as fundações privadas desempenharam um papel muito ativo nessa política de reorientação das ciências sociais. Interessadas pela “reforma social”, elas contribuíram com o financiamento de programas sociais governamentais do *New Deal* e sustentaram pesquisas aplicadas aos “problemas sociais”²⁰. Com efeito, essa preferência se traduzia pela prioridade dada às atividades de coleta de dados e de tradução de pesquisas empíricas em receitas administrativas (HOROWITZ, 1972, p. 391).

Durante o primeiro ano de bolsa, Lazarsfeld se dedicou a um aprendizado metodológico e manteve contato com centros de pesquisas de mercado, em sua maioria externos à universidade. Entre seus contatos universitários, destacam-se psicólogos que se tornaram mais tarde conhecidos por suas contribuições às técnicas estatísticas: Luther Fry, da Universidade de Rochester; Rensis Lickert, da Universidade de Nova Iorque; John Jenkins, da Universidade de Cornell. As organizações profissionais que ele contata de início foram a American Marketing Association e a Psychologic Corporation, com o objetivo de promover a psicologia aplicada nas empresas. Entre os sociólogos prestigiados no período, Robert S. Lynd, autor de *Middletown*, foi um contato precioso, pois ele apoiou e ajudou Lazarsfeld durante os seus primeiros anos na América. No final de sua temporada de estudos, em 1935, a Áustria atravessava uma guerra civil, o fascismo católico reprimia fortemente e o partido socialista havia sido interdito, provocando uma primeira onda de emigração socialista. Maria Jahoda, que dirigia o centro durante sua ausência, tinha sido presa. Sem ter participado desses eventos, Lazarsfeld se encontrava de fato em uma situação de emigrado. Antes da guerra, ele havia ido apenas duas vezes para a Áustria: durante o verão de 1935, a fim de regularizar seu visto de imigração para os Estados Unidos, e em 1937, para visitar sua família.

A relação que ele estabeleceu desde então com os Estados Unidos é menos marcada pelo destino de emigrante do que pelo fato de considerar que o país oferecia todas as condições para o seu desenvolvimento profissional. Como interpretar seu destino de emigrado? Seria uma emigração propriamente política? Ou, antes, uma emigração por razões profissionais? Pode-se

20 Para a história e a estratégia das fundações, ver: Horowitz (1972, p. 434).

pensar que ele teria escolhido permanecer nos Estados Unidos mesmo se, em termos políticos, seu retorno tivesse sido politicamente possível. No mundo universitário vienense da época, marcado por um clima racista e reacionário, tudo se opunha à ascensão profissional de um pesquisador tal como Lazarsfeld. Por outro lado, ele possuía todos os trunfos necessários para ter sucesso no campo universitário americano. Seu passado político o fazia parecer, antes de tudo, como uma vítima do fascismo. Segundo a visão dos intelectuais americanos sobre o trabalhismo na Europa, esse passado podia ser interpretado como um engajamento pelos valores próprios aos universitários “liberais”, que na época depositavam suas esperanças no governo democrático de Roosevelt e no *New Deal*. Seu pertencimento à cultura de língua alemã o situava em uma tradição intelectual prestigiosa. Sua origem judaica o classificava no grupo sociocultural que se preparava, nessa época, para conquistar as universidades e entrar em concorrência direta com os *white anglo-saxon protestant* (WASP).

A emigração coincide com o fim de suas atividades políticas. Como ele relatou em uma entrevista²¹, os obstáculos para o engajamento político nos Estados Unidos eram evidentes: ausência de um movimento operário e de sindicatos integrados, além das dificuldades linguísticas. Compreende-se também por que ele não pôde estabelecer contato logo em seguida com a emigração socialista austríaca que, durante os anos do austro-fascismo, concentrava-se na Tchecoslováquia. Emigração política que, com o triunfo do nazismo, em 1938–1939, alcançou também os Estados Unidos.

A emigração intelectual, predominantemente judaica, pode ser considerada a maior exportação cultural e científica na história da Áustria. A partir de uma lista de universitários americanos de origem austríaca²² que chegaram após 1934 (Tabela 1), pode-se estabelecer um quadro segundo as áreas científicas que mostra a importância desse fenômeno, particularmente expressivo nas ciências sociais.

21 Entrevista com Lazarsfeld (1976, p. 7960).

22 Agradeço a Gerald Stourzh por ter me informado sobre essa lista, estabelecida por ele mesmo e Friedrich A. Hayek. Sobre a emigração austríaca, ver: Knoll (1977, p. 12–13).

Tabela 1 – Universitários de origem austríaca por área do conhecimento

Área do Conhecimento	Valor	%
Humanidades	61	18
Ciências Sociais	103	30
Matemática, Física, Biologia	72	21
Medicina	90	27
Arquitetura, Tecnologia	12	4
Total	338	100

Friedrich Adler, amigo da família admirado por Lazarsfeld, criou o Labor Aid Project destinado à assistência a refugiados. Nada indica que Lazarsfeld tenha tentado retomar o contato com os antigos dirigentes do partido que haviam chegado aos Estados Unidos. Amigos de Lazarsfeld contam que ele estava sempre pronto a oferecer ajuda pessoal aos emigrados que o procuravam, mas que ele evitava, sobretudo, o contato político. A integração relativamente rápida nas universidades americanas é característica de toda essa geração de intelectuais austríacos emigrados (SPAULDING, 1968, p. 8). No entanto, a ausência de qualquer relação política com outros emigrados socialistas indica que Lazarsfeld, que aceitou muito rapidamente sua emigração como algo definitivo, não desejava que seus vínculos com um gueto de emigrados pudessem prejudicar sua integração na sociedade anfitriã. Desde o início de sua emigração ele quis enfatizar que ele não se considerava um “refugiado”.

Continuidade ou ruptura? O próprio Lazarsfeld descreve sua atuação durante esses anos como resultado de uma “estratégia latente” que, concebida por seu centro de pesquisa na Áustria, foi realizada nos Estados Unidos em condições claramente mais favoráveis (LAZARSELD, 1969, p.296 ss): fundar um instituto de pesquisa aplicada, financiado por contratos privados, mas mantendo vínculos com a universidade. Na Áustria, esse projeto estava intimamente ligado a um projeto político. Ainda que, por condições distintas, Lazarsfeld não pudesse dar continuidade a seu projeto nos Estados Unidos, é preciso constatar – sem deixar de insistir nas diferenças – que há pelo menos alguma semelhança formal entre a concepção socialdemocrata do uso das ciências sociais e aquela que estava em vias de

ser legitimada nos Estados Unidos graças à expansão do *Welfare State* e à política das grandes fundações privadas: elaborar e implementar uma “política social esclarecida” como produto imediato da “pesquisa social” por meio da cooperação estreita entre elites políticas e científicas, a despeito de qualquer participação direta dos interessados. Mesmo que não pudesse continuar com sua atividade propriamente política, Lazarsfeld podia alimentar a ilusão de agir nessa direção por meio de suas pesquisas para o governo do *New Deal*²³.

O empreendimento de pesquisa

Com a ajuda de Robert Lynd, na época professor em Columbia, Lazarsfeld conseguiu obter um posto na universidade de Newark, em 1935, no contexto de um programa financiado pelo governo ligado à juventude. Pela primeira vez em sua vida ele pôde implementar sua concepção de centro de pesquisa vinculado à universidade, com direito a prestar serviços a clientes privados e públicos: contratos cujo foco eram problemas da juventude, como o desemprego, mas também na área de *marketing* (sobre, por exemplo, “como mulheres decidem onde comprar suas roupas?” ou “como os motoristas escolhem a marca do combustível?”). Contudo, o que o tornou conhecido entre os sociólogos americanos e lhe permitiu levar a cabo a institucionalização de seu centro de pesquisa foi o estudo sobre o impacto da radiodifusão na sociedade americana. Financiado pela Fundação Rockefeller, o *Radio Research Program* garantiu à sua empresa um fluxo constante de recursos até 1944. Localizado, de início, nas universidades de Newark e Princeton, foi transferido para a Universidade de Columbia, em Nova Iorque, em 1939, e nomeado pouco depois *Bureau of Applied Social Research*.

Lazarsfeld invoca muitos fatores para explicar seu sucesso como inovador institucional no campo universitário americano (LAZARSELD, 1969, p.302 ss). Em primeiro lugar, ele tinha aproveitado sua temporada de estudos como bolsista para fazer contatos muito proveitosos com os meios científicos e de negócios; em segundo lugar, havia ganhado experiência

23 Por exemplo, Lazarsfeld (1937).

de pesquisa tanto na área da psicologia quanto da sociologia; em terceiro lugar, era capaz de empregar recursos matemáticos indispensáveis ao desenvolvimento de técnicas, como construir uma amostra representativa ou fazer testes estatísticos; finalmente, tinha familiaridade com as tradições intelectuais europeia e americana. Em resumo: ele estava destinado a desempenhar um papel de mediador entre atividades e universos distintos, que deveriam ser colocados em contato para propiciar o avanço da pesquisa social aplicada. Contudo, segundo Lazarsfeld, isso só poderia ser realizado por uma inovação institucional e não por uma carreira individual.

Desde o início, uma inovação como essa encontraria resistências advindas tanto do fechamento das disciplinas tradicionais, quanto da incapacidade das universidades da época de gerir orçamentos e atividades empíricas de grande porte²⁴. Além disso, considere-se a cisão que separa tradicionalmente as universidades dos agentes com poder econômico e político, bem como a desconfiança dos pesquisadores em geral em relação a contatos embaraçosos. No caso de Lazarsfeld, essas resistências não foram sentidas tão fortemente porque sua inovação se deu em Newark, uma universidade de menor prestígio. Ele também foi bem-sucedido por estar à margem do sistema em razão de seu estatuto de emigrado, a despeito de ter feito uma carreira veloz, o que facilitou sua tarefa em relação aos que fracassaram antes dele. Ele atribui seu sucesso a seu estatuto ambíguo de pertencimento a duas culturas. Segundo o pesquisador:

O fundador de um instituto é um caso específico de uma noção sociológica bem conhecida: o homem marginal que participa de duas culturas. Ele vive sob múltiplas pressões que o orientam em diversas direções ao mesmo tempo. Em função de seus talentos e das circunstâncias, ele pode se tornar revolucionário, surrealista ou criminoso. Em alguns casos, sua marginalidade pode empurrá-lo a inovações institucionais, e a instituição que ele cria o protege e ao mesmo tempo o ajuda a definir sua identidade. (LAZARSELD, 1969, p. 302).

Deixado relativamente livre em suas escolhas científicas durante o primeiro ano do projeto, o centro de pesquisa tornou-se um local de encontro

24 Para saber mais, ver: Merton (1949, p. 161-181).

de todos aqueles que trabalhavam com questões ligadas à comunicação de massa. Contudo, a falta de uma perspectiva coerente suscitou críticas por parte dos responsáveis pela fundação, que esperavam que o projeto chegasse a conclusões e a recomendações práticas endereçadas aos diretores das estações de rádio. Um “empreendimento de pesquisa administrativa” (nome que Lazarsfeld dava à pesquisa contratada) exige uma estrutura organizacional mais rígida e a utilização de modelos já testados em outros campos de atividades. Em uma entrevista na qual Lazarsfeld apresenta os princípios de organização de sua empresa, pode-se identificar claramente seus modelos ideais de organização, quais sejam os da empresa comercial, do partido político e do exército: ordens precisas, relações hierárquicas, uma divisão do trabalho acentuada e, de maneira correlata, uma especialização dos membros da equipe. Ele também evoca seus modelos de aparelho: “Eu me considero às vezes um político frustrado; como nunca tive a possibilidade de dirigir o aparelho do partido, dirigi tão somente institutos de pesquisa nos Estados Unidos.”²⁵.

As pressões de “produtividade” que Lazarsfeld menciona para justificar seu empreendimento parecem ser a chave de sua estratégia científica, cujos aspectos organizacionais são inseparáveis dos cognitivos: à divisão do trabalho e à organização hierárquica “eficiente” correspondem à sofisticação da metodologia e à padronização dos conceitos e das técnicas de pesquisa. Ambos concorrem para a definição de prazos precisos para cada operação de pesquisa e para o cálculo antecipado da “produtividade” em termos de produtos (com relatórios de fim de contrato).

No início dos anos 1940, quando o governo quis utilizar as ciências sociais em seu esforço de guerra, Lazarsfeld estava em condições de propor uma organização eficaz e vínculos já consolidados com altos funcionários. Em razão de sua posição marginal no campo universitário porque fruto de instituições externas ou para universitárias, o empirismo sociológico pôde se legitimar de fato na universidade somente depois da guerra, graças ao crédito acumulado na cooperação com os meios de negócios e com o Estado. Contrariamente à grande teoria universitária e à sociografia, ainda

²⁵ Para saber mais, ver: Merton (1949, p. 161–181).

que sofisticada, da Escola de Chicago, o empirismo característico das sondagens sociológicas pretendia ter condições de oferecer, de modo imediato, instrumentos úteis: a produção de informações representativas para uma população global e a previsão de eventos a partir de sondagens estatísticas. Nenhuma outra escola sociológica pretendia ter condições de prever a realidade social. Depois dos anos 1930, a previsão eleitoral com a ajuda de sondagens estatísticas era um dos argumentos de peso a favor do *survey research*. Entre aqueles que detinham o poder, essas técnicas davam origem a expectativas no sentido de finalmente poder prever reações das massas e, portanto, de evitá-las ou manipulá-las em tempo. Eis como se explica o interesse que, nesse período, as elites econômicas e políticas demonstravam pelos estudos sobre os meios de comunicação de massa. A propósito, note-se que o interesse demonstrado pela radiodifusão está associado de maneira direta à primeira eleição de Roosevelt, que fazia campanha contra a imprensa escrita, dominada pelos Republicanos, dirigindo-se diretamente aos americanos pelo rádio. Sua vitória eleitoral, que ninguém havia previsto, destaca o poder do rádio.

Durante o esforço de guerra, quando o argumento da “eficiência” tem sempre a primazia, essa concepção de sociologia aumentou ainda mais suas vantagens competitivas. No final da guerra, a maior parte do orçamento do Bureau of Applied Social Research advinha dos contratos com o Ministério da Guerra, em particular de sua participação no grande estudo *The American Soldier*. Samuel Stouffer, membro do Bureau, tinha sido nomeado diretor do exército; e Robert K. Merton, igualmente pesquisador do Bureau, trabalhou durante dois anos em Washington com Stouffer. A luta contra o fascismo tornava possível a unidade de ação entre intelectuais com horizontes ideológicos muito diferentes, assim como sua cooperação com o governo, em particular com o Ministério da Guerra, algo dificilmente imaginado em período normal. O Office of Strategic Studies (OSS), a futura CIA, uma espécie de centro de reflexão que tinha por missão reunir todas as informações econômicas, sociais, psicológicas e etnológicas úteis à ação militar, podia contar com os serviços de quase todos os intelectuais emigrados, entre eles personalidades tão antagônicas quanto, de um lado, Herbert Marcuse e outros representantes da Escola de Frankfurt e, de outro lado, Paul F. Lazarsfeld. Essa unificação ideológica operada pelo esforço de

guerra era o pano de fundo atrás do qual o empirismo preparava seu crescimento no pós-guerra e sua dominação intelectual sobre a sociologia em seu conjunto. Estabelecidos durante o *New Deal*, a intensificação dos vínculos entre a política e as ciências sociais durante a guerra resultou na consolidação da posição empirista no seio do campo universitário americano.

Lazarsfeld-Adorno ou o conflito entre o “expert” e o “intelectual”

Ainda que se tenha dificuldade em imaginar uma tentativa de colaboração entre sociólogos com trajetórias e *habitus* tão distintos quanto Theodor Adorno e Lazarsfeld, seus conflitos científicos e políticos não podem ser reduzidos, como se costuma fazer, à psicologia. A escolha de Adorno como diretor do programa “Música” da *Radio Research Project* não parece ser uma coincidência como pretendem algumas narrativas (MORRISON, 1978). Lazarsfeld queria prestar serviço a Horkheimer, que o havia ajudado a fundar seu escritório em Newark e procurava trabalho para Adorno, recém-chegado aos Estados Unidos. Os contatos científicos entre Lazarsfeld e o Instituto de Frankfurt existiam desde antes da guerra. O Instituto dos Buhler em Viena e a Escola de Frankfurt abordavam de maneira muito distintas problemas teóricos e políticos comuns: a psicologia (experimental e social, no caso dos Buhler, e a psicanálise, no caso da escola de Frankfurt) seria compatível com uma interpretação macrossociológica como o marxismo? Problema que, depois de sua chegada nos Estados Unidos, assim se formula: “como combinar as tradições teóricas europeias com o empirismo americano?” (LAZARSFELD, 1969, p. 323).

Os relatos de Lazarsfeld (LAZARSFELD, 1969, p.322 ss) e de Adorno (ADORNO, 1969, p. 338 ss) sobre o fracasso dessa tentativa indicam, nas entrelinhas, que ele se deve antes ao tipo de contrato do projeto e a conflitos metodológicos do que à psicologia. Lazarsfeld reconheceu privadamente, por diversas vezes, que Adorno tinha razão quanto ao fundo da interpretação dos fenômenos, mas o criticou por sua falta de diplomacia na relação com os clientes e pela recusa em submeter sua teoria a um teste empírico. De fato, Lazarsfeld esperava que Adorno traduzisse suas interpretações teóricas em perguntas passíveis de serem remetidas a uma amostra de

ouvintes da rádio (LAZARFELD, 1969, p.325). Definição inadmissível para Adorno, que se recusava a reduzir sua concepção teórica a uma simples especulação, produzindo quiçá “[...] hipóteses, mas não conhecimento.” (ADORNO, 1969, p. 339–343). Toda sua obra era considerada, pelos membros da equipe, não uma tentativa de interpretação da realidade, mas uma especulação que, para se tornar científica, deveria ser submetida a uma verificação empírica e estatística. “Where is the evidence?” Essa era a questão endereçada permanentemente a Adorno, à qual ele se recusava a responder. Na verdade, a oposição se estabelece entre duas concepções epistemológicas: na primeira, os diferentes métodos obtêm legitimidade com base na capacidade de produzir novas interpretações teóricas; a segunda reduz os métodos a técnicas de pesquisa destinadas a produzir informações. Além disso, Adorno criticava o *Bureau* por não se interessar pela interpretação dos fenômenos, mas apenas pela produção de dados empíricos. E atribuía essa abordagem científica à instituição social na qual se definia. O financiamento por uma fundação e a necessidade de chegar a resultados tangíveis e úteis aos departamentos de planejamento das estações de rádio impediam questionar o sistema comercial das rádios privadas dos Estados Unidos. Pela primeira vez, Adorno se confrontava à “pesquisa administrativa”, já denunciada no estudo que Horkheimer havia consagrado à “teoria tradicional e à teoria crítica”, e que se tornou uma espécie de programa da Escola de Frankfurt (HORKHEIMER, 1937, p. 245 sq).

Os problemas “psicológicos” colocados pelo “caso Adorno” são explicados por sua recusa em comercializar a produção sociológica. A maioria das queixas contra Adorno vinha dos responsáveis pela fundação e dos diretores das rádios entrevistados por ele. Eles reclamavam que ele “enviava as entrevistas”, que ele “não escutava, mas que utilizava a situação de entrevista para criticá-los”; que ele era incapaz de produzir relatórios úteis, que seu estilo era obscuro e incompreensível e que ele propunha apenas um pessimismo sem saída (MORRISON, 1978, p. 348–354). Em comparação a essa atitude “agressiva” com o cliente, a de Lazarsfeld era muito diplomática e orientada pela preocupação em encontrar contratos, ou seja, em satisfazer os clientes: em oposição à crítica radical, ele propunha uma “crítica útil aos clientes” e a necessária adaptação a uma situação objetiva definida por relações financeiras (LAZARFELD, 1969, p. 315, 337).

Essas duas relações com o mercado da pesquisa correspondem a duas maneiras de viver a emigração e a dois modos de inserção na sociedade americana. Politicamente, Lazarsfeld tinha um passado como militante e soubera responder às necessidades específicas do partido socialista austríaco em matéria de pesquisa social. Em oposição, a maior parte dos membros da Escola de Frankfurt era composta por “intelectuais de esquerda”; ainda que alguns deles tivessem sido membros de partido durante períodos curtos, tinham pouca experiência concreta em militância. Sua ação política era a construção de uma teoria. Socialmente, Lazarsfeld provinha da pequena burguesia judaica. A maioria dos membros da Escola de Frankfurt, igualmente de origem judaica, vinha da grande burguesia comercial. E tinha o apoio dos meios intelectuais liberais de esquerda, que eram acolhedores, nas grandes cidades alemãs (Frankfurt, Hamburgo, Berlim). Uma vez emigrado, Horkheimer declarou que a Alemanha era um país menos antisemita que muitos países europeus (Teria ele considerado seu meio social como se fosse a Alemanha? (JAY, 1976, p. 33). Essa distinção de origem e de posição social ajuda a explicar as diferentes atitudes em relação à emigração. Desde sua chegada nos Estados Unidos, Horkheimer insistia em afirmar a originalidade intelectual de seu Instituto, que se inscreve na tradição filosófica alemã da “Aufklärung”. É significativo que os membros da Escola de Frankfurt tenham considerado sua emigração como algo transitório. A ligação deles com a cultura alemã (ou com o “melhor dos lados dela”) atesta-se pelo fato de escreverem seus textos em língua alemã e, sobretudo, pela repugnância em publicar em inglês durante os primeiros anos de emigração (JAY, 1973). O próprio Adorno afirma que ele sempre se considerou um “puro europeu”, que nunca o negou, e que sempre se recusou a adaptar-se intelectualmente aos modos americanos. Acusado de ser arrogante, ele responde que esse insulto é, de fato, uma maneira de atacar sua crítica social. Lazarsfeld, que também era criticado logo que emigrou por ser tipicamente europeu, arrogante e presunçoso, soube operar os ajustes necessários para trilhar sua ascensão profissional. E Adorno o alinhava junto àqueles emigrados que “[...] queriam ser mais americanos que os americanos.” (ADORNO, 1969, p. 350). Não se trata evidentemente de opor essas duas maneiras de viver a emigração como a “boa” e a “má”, mas antes de procurar o princípio das diferenças nas

condições de partida e nas estratégias de inserção na sociedade anfitriã. Considerando a emigração como provisória, os membros da Escola de Frankfurt perseguiram obstinadamente seu projeto intelectual sem que a emigração os desviasse; em oposição, aqueles que, como Lazarsfeld, aceitaram a emigração como um fato irreversível e fizeram tudo para se integrar ao país anfitrião são os mais inclinados a redirecionar seu projeto intelectual.

Esse conflito entre duas estratégias profissionais e intelectuais prefigura o cisma que a sociologia iria sofrer depois da Segunda Guerra entre uma orientação empirista que, para não gerar suspeição por parte do poder, especializava-se na coleta de dados e na sofisticação estatística, e outra, voltada à crítica social, que pouco se preocupava em confrontá-la à realidade. Mas a oposição entre Adorno e Lazarsfeld indica também uma transformação do papel do intelectual, transformação sentida e analisada tão bem por Adorno que, situando-se na tradição do intelectual europeu, de homem cultivado e erudito (*der gebildete Mensch*, como ele afirma num artigo em inglês), descobre que esse tipo de intelectual está perdendo lugar para “técnicos especialistas” [*experts techniciens*] como Lazarsfeld (ADORNO, 1969, p. 350). Lazarsfeld, por sua vez, via em Adorno apenas um comentarista jornalístico incapaz de se reconverter em “*social scientist*” (MORRISON, 1978, p. 338). A oposição entre a especulação filosófica do intelectual e a pesquisa científica do especialista não poderia ser superada por eles. Uma oposição que parece ter sido reforçada pela confrontação pessoal – o que destinou Adorno a ser o símbolo de uma crítica social que, no fundo, advém de uma concepção tradicional de cultura, e Lazarsfeld, destinado a se colocar a serviço daqueles em relação aos quais ele incessantemente se contrapôs, ou seja, ao cinismo político.

A conquista do mercado americano

A aliança selada entre política e pesquisa social favorecia no pós-guerra a consagração universitária das técnicas de pesquisa e de sondagem, por vezes identificadas com a própria sociologia. Durante a guerra, o governo começou a utilizar de maneira sistemática as sondagens de opinião pública e as análises de conteúdo das mídias escritas e faladas. De acordo com a visão dos promotores dessa concepção de sociologia, os quatro volumes

do *The American Soldier* (STOUFFER, 1949–1950) provavam que a pesquisa podia ser útil tanto ao governo quanto ao avanço da disciplina. Em 1948, o Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais organizou uma conferência sobre as relações entre pesquisa fundamental e aplicada (para a qual Roberto K. Merton foi convidado como conferencista principal)²⁶. Nessa batalha pela legitimidade científica, a sociografia da Escola de Chicago tinha diversas desvantagens em relação à sociologia das sondagens, a *survey research*: como ela recorria frequentemente a técnicas de observação “qualitativas”, era criticada por reduzir-se a ilustrar, ao invés de comprovar, e a descrever, enquanto as técnicas quantitativas e estatísticas pretendiam prever. Em nome da eficiência, da utilidade e da cientificidade (graças à quantificação e à matematização), o trunfo seria, enfim, da nova Escola de Columbia. Um representante da Escola de Chicago dizia em uma entrevista que todo mundo, ao menos durante os anos 1950 a 1960, utilizava a sondagem como peça-chave para qualquer pesquisa. Com o surgimento da etnometodologia, durante a segunda metade dos anos 1960, pôde-se questionar essa dominação, mas apenas de maneira periférica. Na luta pela hegemonia universitária, a teoria tradicional representada principalmente por Talcott Parsons na Universidade de Harvard desempenhava um papel mais importante.

Todas as diferenças que separam as concepções entre a sociologia de Lazarsfeld e a de Parsons encontram sua determinação nas lógicas que guiaram as carreiras dos dois autores. Praticamente com a mesma idade (Lazarsfeld nasceu em 1901; Parsons em 1902), eles chegaram quase que simultaneamente à consagração universitária. Lazarsfeld foi nomeado professor da Universidade de Colúmbia, em 1940, e Parsons foi nomeado professor da Universidade de Harvard, em 1944. Enquanto Lazarsfeld aproveitou a conjuntura político-administrativa para conquistar seu quinhão no mercado da pesquisa, Parsons construiu sua carreira no campo universitário tradicional, valendo-se do prestígio das instituições universitárias europeias, nas quais ele tinha feito a maior parte de seus estudos: a London School of Economics e a Universidade de Heildeberg. Ao trilhar sua carreira quase exclusivamente na instituição mais prestigiada do siste-

²⁶ Para saber mais, ver: Merton (1949, p. 161–181).

ma norte-americano, a Universidade de Harvard, Parsons conseguiu impor sua dominação teórica a partir dos anos 1940.

Não se pode falar propriamente em uma concorrência direta entre essas duas concepções diametralmente opostas de sociologia²⁷. Por um lado, ao perseguir projetos intelectuais muito distintos, não havia um terreno comum para disputar. Por outro lado, não havia preferência pronunciada por parte dos clientes potenciais: no clima do início da guerra fria, o estrutural-funcionalismo (Parsons, em particular) preenchia uma função propriamente ideológica, enquanto o empirismo de Lazarsfeld realizava uma função instrumental. Pode-se comparar a luta entre essas duas concepções científicas àquela que opõe dois produtos em um mercado: quanto mais intercambiáveis, maior é a concorrência; quanto mais complementares, menor é a concorrência. Nesse sentido, a crítica agressiva que Lazarsfeld frequentemente formulou contra o “caráter pré-científico” da Escola de Frankfurt²⁸ contrasta com a ausência de crítica e os esforços comoventes que ele fez para encontrar alguma dívida intelectual em relação a Parsons.

Pode-se citar a passagem seguinte de uma entrevista com Paul F. Lazarsfeld:

Eu não penso que estou em concorrência com Parsons [...]. Mas citarei um exemplo que prova que Parsons me influenciou. Na introdução de seu renomado livro, *The Structure of Social Action*, ele chama a atenção para os elementos normativos das relações ‘meios e fins’ que com frequência negligenciamos. Quais são os meios particularmente eficazes para alcançar um fim sem ser normativamente aceitos? O roubo, por exemplo, é o melhor modo de se fazer dinheiro. Mas, geralmente, o roubo não é aceito. Eu tinha omitido o elemento normativo no processo de decisão, até o dia em que Parsons, ou Parsons pela intermediação de Merton, chamou minha atenção para isso. (LAZARSELD, 1976, p. 805).

Essa atitude é mais um exemplo de sua estratégia de adaptação excessiva à comunidade científica anfitriã. Ela também tende a mostrar que a crítica cruzada entre pares é igualmente guiada por fatores políticos e

27 Mesmo quando estudava na Universidade de Harvard, entre 1959 e 1960, Lazarsfeld dedicou muito mais tempo à modernização da Harvard Business School que ao Departamento de Sociologia. Para saber mais, ver: Lazarsfeld (1975, p. 41).

28 Como se pode constatar, entre os sociólogos julgados não científicos, ele dedicou uma longa passagem à Escola de Frankfurt, no capítulo Sociologia, de acordo com UNESCO (1970, p. 61–65).

econômicos: os escritos da Escola de Frankfurt evocavam incessantemente o passado político de Lazarsfeld e denunciavam sua atitude em relação aos seus clientes, enquanto nenhuma linha de Parsons o colocava em questão.

Enquanto a sociologia de Parsons sofria um declínio a partir do final dos anos 1950, a sociologia de Lazarsfeld, o Bureau of Applied Social Research e a Universidade de Colúmbia impunham sua hegemonia para além dos anos 1960. No início dos anos 1940 e bem depois que Lazarsfeld ganhou notoriedade como pesquisador, esse triunfo não era previsível. Quando, em 1940, uma cadeira de sociologia vagou na Universidade de Colúmbia, ela não foi oferecida a Lazarsfeld, mas a um teórico. No final das contas, o posto foi dividido em duas posições menos eminentes de professor assistente, e Lazarsfeld foi nomeado no mesmo momento que Robert K. Merton, aluno de Parsons. Durante um ano, eles não conversaram. Depois de diversos meses de indiferença recíproca, Lazarsfeld se sentiu obrigado a convidar seu jovem colega para jantar. Mas, na última hora, ele foi chamado a um estúdio para dirigir uma discussão de grupo focal. Ele consegue chamar a atenção de Merton para essa experiência e, alguns meses mais tarde, este se junta ao Bureau, cuja direção ele assume entre 1942 e 1971.²⁹ Por pertencer a duas correntes e por ter vínculos com as duas universidades, Harvard e Colúmbia, Merton está em melhor posição para desempenhar o papel de mediador entre o funcionalismo e o empirismo lazarsfeldiano, o símbolo dessa conciliação sendo o conceito de “teoria de médio alcance”. A partir do fim dos anos 1940, o Bureau of Applied Social Research e a Universidade de Colúmbia foram os centros mais prestigiados dos Estados-Unidos (que atrai toda uma geração de sociólogos, como Samuel Stouffer, Bernard Barber, Peter Blau, Harriet Zuckermann, Hans Zetterberg, Hanan Selvin etc., alguns deles tomando distância mais tarde, caso de C. Wright Mills).

Enquanto Merton dava caução teórica e descartava a concorrência direta por conta de relações pessoais, os escritos epistemológicos neopositivistas denunciavam a teoria de Parsons como tautológica, enfraquecendo assim sua

²⁹ Essa colaboração determina a orientação do Bureau. O livro seguinte foi uma espécie de programa dessa colaboração (MERTON e LAZARSFELD, 1950).

posição no seio do campo sociológico.³⁰ Mas a ascensão do empirismo se explica de início pela política de Lazarsfeld no âmbito do campo universitário. A partir de 1944, o Bureau of Applied Social Research foi mais bem integrado à universidade, pois o princípio dos contratos de pesquisa comerciais foi admitido para toda a universidade, os centros com importante atividade de pesquisa sendo encorajados a oferecer treinamento prático no local de trabalho (LAZARSELD, 1969, p.332). Essa decisão reforçou a influência do Bureau na formação e nos programas em ciências sociais.

A partir desse período, Lazarsfeld dedica bastante tempo à produção de pesquisa empírica e à formação de sociólogos para um mercado de trabalho exterior à universidade. Daí se explica a importância que ele dá à publicação de manuais metodológicos³¹. A sociologia não deveria apenas se emancipar da filosofia, mas também fornecer especialistas em “gestão racional” para o governo e as empresas. A seus olhos, os sociólogos deviam conquistar os novos mercados abertos pelo *marketing*, pela publicidade e pela gestão. No sistema americano, no qual as universidades se encontram tanto em concorrência econômica quanto intelectual, essa estratégia devia frutificar. Os contratos de pesquisa tornavam-se rapidamente um elemento financeiro importante. Lazarsfeld (1969) conta que no meio dos anos 1960, a metade do orçamento da Universidade de Colúmbia era proveniente de contratos de pesquisa. Isso devia estimular outras universidades a seguir o exemplo. Além disso, num sistema em que o estudante deve pagar muito caro por seus estudos, a escolha da universidade se faz prioritariamente por causa do valor do diploma no mercado de trabalho. Considerando-se que número de estudantes tem forte influência no orçamento da universidade, o ato de “arrumar uma vaga para seus estudantes” tem um papel primordial. Desde os anos 1940 a Universidade de Harvard se abria a essa concepção moderna da sociologia, oferecendo uma cadeira a Samuel Stouffer. A partir dos anos 1950, diversos centros, que seguiam o modelo do Bureau of Applied Social Research e que foram fundados por seus alunos egressos, proliferaram por todo o país. Lazarsfeld estava

30 Segundo essa crítica, as teorias globais de Parsons não são mesmo falsificáveis. Ver: Hempel (1952), Popper (1963, p. 273 sq).

31 Entre os manuais que reduzem a sociologia à metodologia, ver: Selltitz (1959), Goode e Hatt (1952) e Zetterberg (1966).

trabalhando, portanto, para transformar o Bureau em centro de ensino para sociólogos-consultores.

Rentável para a universidade e, portanto, apoiada pela administração universitária, a estratégia de Lazarsfeld foi bem-sucedida ao se impor contra a resistência em nome da “moral científica”. Conta-se que ocorreu a seguinte conversa entre C. Wright Mills e Lazarsfeld.

Mills: “Por que Lazarsfeld trabalha para True Story Magazine? Nenhum universitário com alguma convicção faria isso”.

Lazarsfeld: “Eu não entendo as queixas de Mills. Eles são muito generosos com os fundos para pesquisa e me deixam colocar as questões que eu quero!” (MORRISON, 1978, p. 7).

Lazarsfeld é certamente um dos primeiros exemplos de empreendedor em ciências sociais, preocupado tanto com a manutenção do contato com seus clientes (administradores, fundações, empresas) quanto com o ensino e a pesquisa. Desde então, seu trabalho se orienta nessas duas direções. De um lado, seus temas de pesquisa dependem cada vez mais do mercado. De outro lado, ele se especializa progressivamente nos problemas metodológicos. Essa evolução tampouco é estranha à sua condição de emigrado. Essa abordagem valoriza ao máximo suas competências de matemático e de físico. Contudo, considerando-se que ele mal conhece essa sociedade e na qual tem apenas experiências superficiais, o formalismo metodológico também constitui um refúgio que lhe permite não se posicionar ao se colocar acima do mundo social, evitando assim intervir nesses conflitos. Sua concepção de sociologia, que dá prioridade à metodologia e, mais precisamente, à quantificação, deve muito, evidentemente, ao fascínio que as ciências exatas – seu único “amor infeliz”, como dizia uma de suas amigas – sempre exerceram sobre ele. No universo das ciências, de seu ponto de vista, a física e a matemática ocupam o ponto mais alto da hierarquia, a filosofia ocupa um lugar muito baixo, enquanto a sociologia e as outras ciências humanas são apenas disciplinas “em vias de desenvolvimento”.

Entre seus trabalhos americanos, Lazarsfeld dava bastante importância à pesquisa sobre os universitários durante o período do macarthismo. À primeira vista, esse livro associa novamente um projeto intelectual a

uma causa política. No entanto, uma vez mais, ao tomar como objeto “a mente dos universitários” (*academic mind*) e ao reduzir o campo de pesquisa à “instituição universitária”, ele se abstém de explicar a gênese do fenômeno estudado (a repressão do macarthismo no campus) e as influências externas, que são relatadas apenas de forma indireta quando são mencionadas nas entrevistas. Daí que os autores se recusam explicitamente a julgar e até mesmo a analisar as acusações feitas contra os intelectuais. Elas são consideradas apenas um fator do contexto que influencia o espírito dos universitários.³² Tudo é explicado pela percepção que indivíduos atomizados possuem da refração do macarthismo no contexto universitário segundo as características diferenciais das instituições (tamanho, lugar, hierarquia, afiliação religiosa etc.). Os professores-pesquisadores são classificados a partir das categorias utilizadas nas pesquisas eleitorais (democrata/republicano; liberal/ permissivo/conservador) (LAZARSELD, 1958, p. 113 sq.) e segundo os critérios de avanço profissional definidos pela instituição (LAZARSELD, 1958, p. 3 sq.). Ao reduzir o objeto sociológico a uma tipologia psicológica das variações de angústia perante as ameaças percebidas (LAZARSELD, 1958, p.72 sq.), esse tipo de análise sugere que a atitude política se reduz ao nível de angústia ou de resistência individual. O recorte do objeto e o método impedem que se vislumbre outras possibilidades. Para o leitor, o fenômeno do macarthismo nasce da escuridão e desaparece dos campi sem que se saiba por que e como. A conclusão insiste no prejuízo que a intimidação política pode gerar ao reduzir a produtividade científica, tão importante para o desenvolvimento do país: “Muitos cidadãos acreditaram que, ao atacar os universitários, prestariam um serviço à segurança do seu país, e não se deram conta de que assim colocariam em perigo o desenvolvimento da educação superior americana.” (LAZARSELD, 1958, p. 265). Longe de ser uma precaução retórica imposta pelo clima político e intelectual que predominava nos Estados Unidos, em 1958, ano da publicação do livro, essa conclusão decorre logicamente do próprio método e da psicologização de um fenômeno político, que levam a perceber os ataques à autonomia universitária muito mais como efeito de uma aberração moral do que de um estado momentâneo

32 Para saber mais, ver: Lazarsfeld (1958, p. 69).

das relações estruturais entre diferentes campos sociais. Tem-se a impressão de que a preferência de Lazarsfeld por esse seu estudo deve-se não tanto à qualidade científica quanto à contestação prudente e indireta das forças dominantes que ele encerra. Como se ele se deleitasse contestando aqueles que ele tinha se habituado a servir, uma vez ciente de concordar com a maioria de seus colegas recém-saídos de um período traumático.

O próprio Lazarsfeld admite o estreitamento progressivo de suas preocupações e sua relação com as constrictões do mercado. Por exemplo, o estudo especializado no “ato da decisão” abstraído de suas condições sociais. Do mesmo modo, suas inovações metodológicas provinham de estudos muitos particulares: a técnica do “painel” foi de início desenvolvida para observar as mudanças das intenções de voto durante o período pré-eleitoral³³. Foi aperfeiçoada nas eleições presidenciais de 1940, que opunham o democrata Roosevelt ao republicano Wilkie.

As razões dadas por Lazarsfeld para explicar o sucesso de sua estratégia – criação de um instituto, foco na metodologia, escolha de objetos de pesquisa dotados de um “bom valor de mercado” – opõem-se à separação estrita que ele pensa poder estabelecer entre pesquisa e política³⁴. Esse “marxista licenciado” que “se ocupa da política apenas depois do dia de trabalho” não consegue esconder de si mesmo que o uso social que é feito de seus trabalhos é sempre “político”. Ele inspira estratégias de mercado, campanhas publicitárias ou eleitorais. O pressuposto de que o domínio das técnicas é garantia de “cientificidade” e de que essas técnicas se aplicam em princípio a todos os objetos obedece a uma prudência teórica, por sua vez inseparável da prudência política, e servem de enfeite contra a suspeição política. Essa atitude assegura ao sociólogo uma vantagem evidente, num mercado caracterizado pela heterogeneidade (também política) de seus clientes. A clivagem cada vez mais acentuada entre suas posições políticas e sua prática científica contribui para transformar seu passado socialista em referência sentimental e a eliminar de seu trabalho as questões políticas. A autonomização de seu “discurso sobre o método” foi por isso o modo mais direto. O empirismo praticado por Lazarsfeld é uma espécie de “arte pela arte” da sociologia, uma maneira de falar do social sem falar. Mas essa

33 *Para saber mais, ver: Lazarsfeld, Berelson e Gaudet (1944).*

34 *Entrevista Lazarsfeld (1966, p. 805).*

escolha, em um determinado momento da sua trajetória, também é determinada por sua condição de emigrante: quando a carreira política se torna impossível, ele se engaja profundamente na via que lhe sobra, a da “ciência pela ciência”. Se, como ele afirma, suas preocupações metodológicas não o dispensam da preocupação em publicar com facilidade e rapidez, não se pode deixar de pensar que a inflação de suas publicações metodológicas serve de caução científica a trabalhos que, levando em conta as restrições impostas pelo cliente ou a falta de interesse por parte de uma revista especializada, permaneceriam impublicáveis. Esse caso mostra bem que é impossível distinguir claramente a estratégia que orienta a carreira científica da estratégia política (BOURDIEU, 1976). O discurso metodológico puro, justificação última dessa concepção de sociologia, critica todos aqueles que permanecem ligados aos “modos antigos” de fazer da ciência, ou seja, aqueles que não renegaram suas tradições europeias. Ao abandonar as preocupações teóricas e as questões sobre pertencimento social que caracterizam sua obra austríaca, Lazarsfeld modelou uma concepção de sociologia adaptada às constrições do mercado de pesquisa, tal como definidas pelas forças que dominam esse mercado.

A lógica da expansão

No limite, a transformação progressiva da sociologia em metodologia leva a um jogo formal em que os fatos sociais são apenas um pretexto. Como lembra um de seus colaboradores, “[...] *para ele a vida era seu trabalho e o trabalho era seu prazer. Ele poderia passar horas mexendo com modelos matemáticos. Uma vez ele mesmo me disse que os dados em si não o interessavam. O interesse era manipulá-los pelos instrumentos estatísticos.*” A exclusão do social da sociologia, transformada assim em jogo de números, iria se acentuar na geração seguinte, representada entre outros por James Coleman e Morris Rosenberg. A estrita separação entre enunciado “científico” e “juízo de valor” iria colocar essa sociologia ao abrigo da suspeição política. Contudo, Lazarsfeld, preocupado com a imagem da marca de seu Bureau, deixava sua atitude liberal e tolerante quando um de seus colaboradores vinha questionar essa filosofia do apolitismo – como foi o caso de Robert Lynd e de C. Wright Mills que não paravam de perguntar: “*Knowlegde for what?*”.

Mas o caráter político desse apolitismo era ainda mais visível quando Lazarsfeld se dispunha a exportar seu produto. Na Europa do pós-guerra, observam-se múltiplos esforços para aumentar a capacidade dos governos em prever e gerir crises. Nesse contexto, a sociologia empírica americana parece apresentar um “avanço técnico” que durante esse período atrai toda uma geração de pesquisadores europeus. Nessa corrida em direção aos Estados Unidos, encontram-se dois projetos. Do lado europeu, busca-se um apoio externo no ímpeto de institucionalização universitária da pesquisa empírica. Do lado americano, uma estratégia científica internacional de conquista de novos mercados intelectuais é acompanhada por um projeto propriamente político das grandes fundações (Ford e Rockefeller).

Paralelamente às suas ações nos Estados Unidos, as fundações sempre orientaram seus esforços ao exterior. Se, em política interna, elas frequentemente desempenharam o papel de laboratório de programas sociais (MAGAT, 1969), em política externa, do mesmo modo, elas costumam preparar as mudanças de linha política e agir nas áreas em que o governo americano, por razões evidentes, deve se abster. Em geral, as fundações seguem uma linha mais “liberal” do que a do governo, ainda que ratificando os “interesses americanos”, uma vez que sua ação reformadora em matéria de programas sociais os protege contra críticas diretas (HOROWITZ, 1972, p. 442-443 e 449). Desse modo, pouco confiantes em um equilíbrio fundado na presença exclusiva das forças americanas, as fundações seguiram uma estratégia que visava favorecer, nos países europeus, as mudanças institucionais e políticas necessárias para imunizá-los contra a tentação comunista. A institucionalização das ciências sociais desempenha um papel de primeira ordem nessa estratégia: elas, sozinhas, podem substituir as tradições “ideológicas” dos europeus e suas abordagens globalizantes pelas abordagens empiristas racionais e, com isso, reforçar a propensão ao pragmatismo e à exploração das possibilidades de compromisso entre forças sociais opostas – o que, a longo prazo, contribuía para aproximar o “ideal” americano dos sistemas políticos europeus, julgados autoritários e muito hierarquizados.

Muito antes da Segunda Guerra, esse projeto foi concebido, de início, para a Alemanha e, mais tarde, para a França³⁵. Depois da guerra, ele foi expandido para a maioria dos países da Europa Ocidental e do Leste. No limite, poder-se-ia falar em uma espécie de Plano Marshall intelectual. A fundação Ford estava na vanguarda dessa política expansionista americana. Depois da guerra, a luta contra o comunismo se somou à luta contra o fascismo para, em seguida, ocupar seu lugar. Tratava-se de conter a influência política dos partidos comunistas nos países da zona de influência americana na Europa e de impedir o marxismo de se tornar a teoria de referência de todos aqueles que preconizavam mudanças sociais. O “braço secular” dessa política era o Plano Marshall, enquanto as ciências sociais aplicadas para a “solução de problemas sociais” seriam o “braço espiritual”.

A partir do final dos anos 1940, enquanto a Fundação Rockefeller financiava apenas projetos de pesquisa, a Fundação Ford não se limitava aos modos tradicionais de assistência (financiamento de projetos de pesquisa, doação às universidades, bolsas individuais etc.) e também contribuía para a institucionalização da pesquisa empírica financiando a fundação de grandes organismos de pesquisa. Graças ao *laissez-faire* praticado nesse domínio pelos governos de muitos países europeus, a Fundação Ford pôde de maneira constante orientar a política das ciências sociais do pós-guerra.

Durante a Guerra Fria, muitos daqueles que, em nome da luta antifascista, aceitaram colaborar com o governo americano no Office of Strategic Studies, deram seu apoio a essa espécie de Plano Marshall intelectual – caso de Lazarsfeld, que assumiu um papel importante nessa política, depois de 1951, como conselheiro da Fundação Ford para as ciências sociais. Lazarsfeld se ocupou diretamente da criação de um instituto de Estudos Avançados em Ciências Sociais, em Viena, na Áustria, além de programas de intercâmbio com a Polônia e com a Iugoslávia. Mas, indiretamente, ele controlava praticamente todos os projetos, pois a maioria dos conselheiros da Fundação, na área de sociologia, tinha ligações com o Bureau of Applied Social Research (por exemplo, Bernard Berelson).

35 Em 1926–1927, uma subvenção de 30.000 dólares devia permitir a abertura em Paris de um escritório da Fundação Rockefeller, um espaço de encontro e de trabalho para pesquisadores em ciências sociais. “A ideia subjacente parecia ser que a pesquisa empírica, encomendada e utilizada pelos interesses privados, utilitários, políticos e financeiros poderia contribuir para o desenvolvimento das sociedades europeias, caracterizadas por forte estratificação.” (ORLANS, 1976, p. 2).

A análise dos dossiês desses projetos sugere que a Fundação Ford negociava no papel de governo para governo, o que se explica pelo montante de recursos financeiros em jogo: frequentemente mais de um milhão de dólares por projeto³⁶. E a origem desses projetos indica claramente que a demanda praticamente nunca vinha dos governos, mas da própria Fundação. Em geral, esses projetos são elaborados com bastante antecedência e submetidos a um tratamento e controle minuciosos. A Fundação persegue um objetivo bem preciso, cujas linhas gerais são publicadas em circulares e memorandos internos e por correspondência: reduzir o subdesenvolvimento das ciências sociais europeias (“Parece evidente que as ciências sociais europeias não alcançaram a ‘massa crítica’ que já existia nos Estados Unidos dos anos 1920 e 1930...”); tornar possível o surgimento de uma comunidade científica articulada à comunidade científica “internacional” (no caso, a comunidade científica americana), ou seja, estratégia de compensação sugerida aos europeus); reforçar a padronização conceitual e técnica e assim eliminar as diferenças nacionais na produção das ciências sociais (TRUMAN, 1963, p. 2–3). A implementação desses objetivos supõe uma estratégia de subversão das hierarquias estabelecidas no interior dos campos científicos nacionais: apoiar os trabalhos empíricos e aplicados frequentemente perseguidos por professores-pesquisadores que ocupam posições dominadas e enfraquecer as tradições intelectuais globalizantes. “Ainda que certos trabalhos tenham um caráter esotérico, os pesquisadores americanos em ciências sociais levam em consideração a utilidade e o rigor de seu trabalho. Um número crescente de pesquisadores europeus tenta consolidar seu trabalho melhorando a qualidade científica e a utilidade para a resolução de problemas contemporâneos. Mas eles são uma minoria contra um *establishment* intelectual que permanece sob a influência muito forte de tradições pré-científicas”.³⁷

36 Por exemplo, o Instituto de Estudos Avançados, em Viena: 1 milhão de dólares entre 1961 e 1965; Maison des Sciences de l’homme, em Paris: 1 milhão de dólares entre 1960 e 1964; Programa de Intercâmbio com a Iugoslávia: 1,5 milhão de dólares, entre 1958 e 1965; Programa de Intercâmbio com a Polônia: 270 mil dólares, em 1958.

37 Para saber mais, ver: Relatório Interno: artigo informativo, The Foundations Activities in Europe, Ford Foundation, March 1968, p. 9, Arquivos da Fundação Ford.

O caráter propriamente político dessa estratégia é ainda mais evidente nos projetos destinados aos países da Europa do Leste, onde a Fundação tende a apoiar as forças universitárias antigas, que resistem à influência dos partidos comunistas, e a encorajar os novos desenvolvimentos empiristas – ações que visam conduzir à revisão e ao enfraquecimento do marxismo. Por exemplo, a passagem seguinte de um memorando interno, do dia 10 de novembro de 1958, de W. Nielsen, diretor da Divisão de Relações Internacionais da Fundação Ford, aborda o estado das ciências sociais na Iugoslávia:

Não se pode dizer que há liberdade de pensamento nas universidades iugoslavas [...]. O marxismo é o slogan que orienta o ensino [...], mas eu tenho a impressão de que os conceitos marxistas são frequentemente reexaminados [...]. Se esses pesquisadores em ciências sociais recebessem um pouco de dinheiro e pudessem começar a coletar dados empíricos sobre um conjunto de problemas, eles certamente acelerariam e alargariam o que, de modo eufemizado, denominamos 'reinterpretação' do marxismo, até se equipararem ao revisionismo total.³⁸ (FUNDAÇÃO FORD, 1958, p. 2).

Lazarsfeld estava bem posicionado para desempenhar um papel-chave nesse empreendimento de “modernização” intelectual e ideológica da Europa por meio do fortalecimento do pragmatismo político e do enfraquecimento do marxismo. Além de uma concepção de sociologia que correspondia perfeitamente a essa ideologia, ele propunha um modelo de organização da pesquisa e de vínculo com os clientes perfeitamente adaptado. A imposição dessa concepção de sociologia em contextos já imbuídos por outras tradições intelectuais estava condicionada à reescrita da história da disciplina visando deslegitimar as tradições concorrentes e fundar a legitimidade científica exclusiva do empirismo.

Um artigo de Lazarsfeld publicado na enciclopédia das ciências sociais e humanas editado pela UNESCO permite reconstituir a imagem que ele construiu do campo mundial da sociologia³⁹. A sociologia é apresentada

38 *Essa estratégia de intervenção internacional parece muito com as de uma empresa econômica multinacional: criação de filiais (ainda hoje o Instituto de Estudos Avançados de Viena continua sendo chamado de "Instituto Ford"), participação em sociedades nacionais e influência sobre a nomeação do pessoal dirigente, projetos conjuntos visando abrir mercados relativamente fechados no exterior (segundo o modelo "Simca-Chrysler").*

39 *Para saber mais, ver: Lazarsfeld (1970, p. 61-165).*

como uma “ciência americana” e os trabalhos de origem não americana ocupam pouco espaço. A raridade das referências aos autores comumente considerados os fundadores da disciplina (Durkheim, Weber, Simmel, Marx etc.) realça a ambição desse texto, que é servir de contrapeso às correntes que dominam a história da disciplina a fim de redescobrir e de reabilitar a tradição empirista (ou sociográfica) pré-durkheimiana. Assim, ele pode afirmar que, entre 1920 e 1950, nenhuma obra importante na “tradição clássica” foi publicada na Europa (LAZARSFELD, 1970, p. 67). Do mesmo modo, ele confere maior valor aos aspectos mais empíricos dos autores clássicos: a única referência importante a Max Weber evoca as pesquisas que este dirigiu sobre os agricultores e os operários da indústria no início do século (LAZARSFELD, 1970, p. 64). De modo geral, ele reclassifica os trabalhos recenseados de acordo com o lugar que eles ocupam em “sua” própria hierarquia de cientificidade: em primeiro lugar, as sondagens e os trabalhos metodológicos, o estudo de categorias e de variáveis, a análise matemática de processos e de contextos sociais (LAZARSFELD, 1970, p. 64–74); em segundo lugar, os trabalhos “macro” sociológicos, sempre expostos à “queda no obscurantismo” (pesquisa comparativa, processos sociais em perspectiva histórica) (LAZARSFELD, 1970, p. 76–90); em terceiro lugar, os diferentes ensaios de construção teórica entre os quais sua preferência é a “teoria de médio alcance” (LAZARSFELD, 1970, p. 90–120).

Tratava-se de vender, junto com a sociologia empirista, o modelo de relações entre a pesquisa social e os agentes econômicos e políticos que havia sido elaborado nos Estados Unidos durante os anos 1920 e 1930 – em particular uma nova definição do papel social do intelectual. Nesse sentido, tratava-se de uma espécie de colonização intelectual que não era percebida como tal, pois ela se opunha tanto ao comunismo quanto aos filósofos sociais conservadores, assim como às estruturas arcaicas das universidades da época. A ambiguidade ideológica do projeto era certamente a condição do sucesso desse “imperialismo intelectual” com públicos relativamente divergentes: tecnocratas, reformadores modernistas de um lado, ideólogos da guerra fria, de outro.

Essa concepção de ciências sociais ganha a dimensão de um desenho político planetário visando acelerar a convergência dos sistemas políticos

e substituir as interpretações ideológicas predominantes por um ponto de vista racional – concepção simbolizada e realizada pela estratégia conjunta de três homens: Paul F. Lazarsfeld, o produtor de uma visão “científica” do mundo social; Sheppard Stone, um dos diretores da Fundação Ford, representante moderado e prudente dos interesses americanos; e Adam Schaff, filósofo e sociólogo polonês, alto funcionário do partido comunista convencido da necessidade de modernizar as burocracias dos países orientais. Esses três homens cobriam o espectro político europeu e podiam promover as ciências sociais empíricas e aplicadas, valendo-se do apoio de forças políticas normalmente opostas. Lazarsfeld mantinha excelentes vínculos com os partidos socialdemocratas; Sheppard Stone tinha ligações com os partidos democrata-cristãos e conservadores, além de ser antigo conselheiro de Adenauer; Adam Schaff assegurava a extensão dessa concepção intelectual para além da cortina de ferro por meio do Centro Europeu de Coordenação de Pesquisas e de Documentação em Ciências Sociais, situado em Viena, órgão fundado com a ajuda da UNESCO e cuja direção ele assumiu desde sua criação, em 1962. Nessa “santa aliança” em favor do empirismo e das ciências sociais aplicadas, cada um podia permanecer ligado à sua ideologia política e invocar em favor da nova ciência sua utilidade abstrata para os tomadores de decisão: a melhoria das estratégias de venda para os *businessmen* americanos; o enfraquecimento das ideologias arcaicas tradicionalistas para os políticos socialdemocratas; o combate contra as utopias comunistas para os conservadores; a racionalização da decisão para todos os administradores; as maravilhas das sondagens para melhor conhecer e manipular a opinião das massas para os dirigentes dos países comunistas... Todos seriam contemplados.

Incansável, Lazarsfeld propagava sua concepção de sociologia por toda Europa: em 1948, ele aconselhou o governo norueguês a criar o Instituto de Pesquisas Sociais, do qual se tornou um dos primeiros professores americanos. Em 1958, ele foi o primeiro sociólogo ocidental a dar cursos em Varsóvia e a presidir uma conferência da UNESCO sobre técnicas de sondagem de opinião pública. Em 1959, ele elaborou o programa de intercâmbio com pesquisadores americanos na Iugoslávia. De 1958 a 1964, ele desempenhou um papel central na fundação do Instituto de

Viena, que preencheria uma posição estratégica entre o Leste e o Oeste⁴⁰. Em 1962 e 1963, sua passagem pela Sorbonne coincidia com o momento em que a sociologia francesa se engajava no processo de profissionalização e de fortalecimento dos vínculos contratuais com seus clientes. Nesse mesmo momento, também desempenhava um papel-chave nos primeiros anos de funcionamento do Conselho Internacional de Ciências Sociais da UNESCO.

Não se pode, nos limites deste artigo, propor análises detalhadas de todas essas ações – e que mostrariam que muitas vezes as intenções de seus promotores foram profundamente modificadas ao serem colocadas em prática. A análise dos efeitos dessa estratégia sobre a sociologia francesa deveria, antes de tudo, basear-se na descrição das evoluções estruturais do campo: criação de postos universitários; evolução do financiamento, do mercado de contratos de pesquisa, do mercado de publicações, das diferentes redes oficiais e oficiosas que estabelecem vínculos entre o campo científico e os campos do poder, como os clubes políticos ou as revistas *Esprit* e *Preuves*.⁴¹

No início dos anos 1960, a empresa de Lazarsfeld alcança seu apogeu. Sua concepção de sociologia torna-se dominante praticamente em quase toda a Europa. Durante esses anos, e diante da demanda crescente dos administradores do Oeste e do Leste europeu, as grandes burocracias internacionais, UNESCO e OCDE, produzem trabalhos importantes sobre o problema da relação entre política e pesquisa social. Uma vez mais, a influência de Lazarsfeld parece determinante. A ele cabe a tarefa de escrever o capítulo *Sociologia* na enciclopédia ultra oficial editada pela UNESCO (LAZARSELD, 1970). Na OCDE, ele é um dos especialistas responsáveis pelo *Relatório sobre as Ciências Sociais e os Governos*, destinado a inspirar as políticas dos países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) nesse domínio⁴².

40 É, na verdade, sua função principal aos olhos dos promotores americanos. Para saber mais, ver: Carta de Lazarsfeld a Sheppard Stone de 22/06/1959 (Arquivos da Fundação Ford).

41 Sobre todos esses pontos, ver: Pollak (1976, p. 105–121). O número especial “Sociologie et industrie: une interrogation mutuelle”, organizado por Raymond Aron, na revista *L'expansion de la recherche scientifique*, nº 19, 1963 ilustra bem o ambiente da época.

42 Para saber mais, ver: OCDE (1965)

Pelo intermédio do Conselho Internacional de Pesquisa em Ciências Sociais da UNESCO, sua concepção de sociologia alcança audiência nos países do Leste. A avaliação positiva que o próprio Lazarsfeld fez dessa influência mostra em que medida a inserção da pesquisa social na política lhe parecia exemplar e premonitória em relação aos desenvolvimentos que se sucederam. Ao se situar deliberadamente acima dos conflitos sociais, ele acreditava que poderia impor sua visão política por meio da difusão da pesquisa social empírica. Na verdade, o que ele fez foi ajudar na criação de estruturas de pesquisa a serviço das forças sociais dominantes do momento.

Somos assim levados à questão das mudanças e das continuidades em seu projeto intelectual e político. Como mostrou a análise de seu período austríaco, as origens sociais e étnicas e as tradições familiares contribuem fortemente para explicar seu engajamento político. Adicione-se a isso sua admiração por Friedrich Adler, que havia tido uma influência determinante no início de sua carreira científica. Sua predileção pelo empirismo em sociologia resulta tanto de sua formação quanto do “modernismo” que ele encarnava em oposição às ciências sociais oficiais professadas na Universidade de Viena. Além disso, no debate marxista austríaco, o empirismo era considerado compatível com os escritos de Marx. Em um artigo publicado no órgão teórico do partido socialista austríaco, Lazarsfeld apresentava a psicologia social como um enriquecimento do marxismo, capaz de contribuir para explicar as mediações entre infraestrutura e superestrutura (LAZARSELD, 1927, p. 270–274). Originada de restrições materiais, a pesquisa por contrato, com seus vínculos específicos entre pesquisador e cliente, não suscita para Lazarsfeld nenhum problema de epistemologia ou moral científica. Por outro lado, ela é compatível com uma concepção reformista do socialismo, que tende a utilizar a pesquisa social na elaboração de suas estratégias políticas. Desenraizado social e politicamente, Lazarsfeld conservava desse projeto, depois da emigração, apenas a estrutura formal: a colaboração e a relação contratual entre cliente e pesquisador implementada no Bureau of Applied Social Research. No pensamento de Lazarsfeld, a cisão entre seu trabalho científico e o pensamento político se aprofundava. Os inúmeros relatos que fazem menção à expressão “marxista licenciado” para se referir a si mesmo indicam talvez, não obstante sua ascensão profissional e seu sucesso nos Estados Unidos, que ele permaneceu

politicamente desenraizado, que ele nunca se identificou à realidade política desse país, que ele nunca viveu as questões políticas como sendo suas e que ele manteve a distância que caracteriza a condição do estrangeiro, que se situa em uma posição de observador em relação às contradições e conflitos da sociedade em que vive. Mas a participação na reconquista intelectual e política do mercado europeu foi talvez uma maneira de viver no duplo jogo de uma vida intelectual e política cindida.

Aquilo que mais impressionava no partido socialista austríaco do pós-guerra era seu sucesso: a força de sua organização podia ser medida pelo número de suborganizações e de membros, pela habilidade tática de seus dirigentes e pelo número de ministérios que ele detinha em permanência. Quando, em meados dos anos 1960, o partido atravessou uma crise desencadeada por um caso de transações financeiras duvidosas, ele sentia – segundo informações dadas por um de seus amigos – “*um frisson angustiado e agradável*”. Não obstante a crise organizacional e os conflitos entre pessoas que acompanhavam o empobrecimento ideológico do movimento, ele mantinha sua admiração pelos “políticos hábeis” e se recusava a chamá-los de “oportunistas”. Lazarsfeld conseguiu alcançar no campo científico aquilo que seus camaradas de juventude tinham alcançado no campo político. O fundo dos ideais comuns havia se transformado em admiração recíproca pela medida do sucesso – de um lado, em poder científico; de outro lado, em poder político.

E a referência nostálgica ao austro-marxismo de sua juventude talvez fosse somente o avesso de um cinismo que o possibilitava estar aberto a todas as oportunidades, contanto que servissem à promoção do produto que ele tinha a oferecer: sua concepção de sociologia. Se esta análise pode parecer crítica em relação a Lazarsfeld, isso se deve a que ela reproduz fielmente a história de um homem que soube explorar muito bem todas as chances que apareceram sem jamais ter pensado em renunciar.

Referências

ADORNO, T. W. Scientific Experiences of a European Scholar *In*: FLEMING, D.; BAILYN, B. **The Intellectual Migration: Europe and America 1930-1960**. Harvard University Press. Cambridge, 1969.

ADLER, F. Zum 70. Geburtstag von Ernst Mach. **Der Kampf**, (S.l.), v. 1, n. 5, p. 231–240, 1907.

_____. **Machs Überwindung des mechanischen Materialismus**. Wien, 1918.

_____. **Ortszeit, Systemzeit, Zonenzeit und das ausgezeichnete Bezugssystem der Elektrodynamik**. Wien, 1920.

ARON, Raymond. Sociologie et industrie: une interrogation mutuelle. **L'expansion de la recherche scientifique**, Paris, n. 19, p. 1–68, 1963.

BAUER, Otto, **Die Sozialdemokratie und die Nationalitätenfrage**. Wien: Vorwärts, 1907.

BOURDET, Y. (éd), **Otto Bauer et la révolution**. Paris: EDI, 1968.

BOURDIEU, P. Le champ scientifique, **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 2, n. 2–3, juin 1976.

BRAUNTHAL, J. **Victor und Friedrich Adler**. Wien, 1964.

BUNZL, J. **Klassenkampf in der Diaspora, Zur Geschichte der jüdischen Arbeiterbewegung**. Wien: Europaverlag, 1976.

FEUER, L. S. The Social Roots of Einstein's Theory of Relativity. **Annals of science**, (S.l.), v. 27, n. 3, p. 277–298, 1971.

FUNDAÇÃO FORD. **The Foundations Activities in Europe**. *New York*: Ford Foundation, March 1968. (Arquivos da Fundação Ford).

FUNDAÇÃO FORD, Carta de Lazarsfeld a Sheppard Stone de 22/06/1959 (Arquivos da Fundação Ford).

GOLD, H. **Geschichte der Juden in Wien**. Tel Aviv, 1966.

GOODE, W. J.; HATT, P. K., **Methods in Social Research**. New York: Mac Graw Hill, 1952.

HAUTMANN, H. **Die verlorene Republik. Am. Beispiel Deutsch-Österreichs**. Wien: Europa Verlag, 1971.

HEMPEL, C. **Fundamentals of Concept Formation in Empirical Science**. Chicago: University Press, 1952.

HORKHEIMER, M. **Traditionelle und kritische Theorie**. *Zeitschrift für Sozialforschung*, 1937. 64 p.

HOROWITZ, I. L. **Foundations of Political Sociology**. New York: Harper and Row, 1972.

INSTITUT FÜR JUDAISTIK DER UNIVERSITÄT WIEN (Éd.). **Das österreichische Judentum, Voraussetzungen und Geschichte.** Wien-München: Jugend und Volk, 1974.

JAY, M. **The Dialectical Imagination.** A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research 1923-1950. London: Heinemann, 1973.

KARL, B. D. **Executive Reorganization and Reform in the New Deal:** The Genesis of Administrative Management. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

KNOLL, R. **Die Emigration aus Österreich im 20 Jahrhundert.** vol. 8./12. Contribuição ao Colóquio «Deux fois l'Autriche, après 1918 et après 1945». Rouen, novembre 1977.

LASSWELL, H. D. (Éd.). **The Policy Sciences.** Stanford University Press. Stanford, 1951.

LAZARFELD, P. F. **Gemeinschaftserziehung durch Erziehungsgemeinschaften.** Wien, 1925.
_____. Die Psychologie in Hendrik de Mans Marx Kritik. **Der Kampf**, (S.l.), Jahrgang XX, n. 6, p. 1–273, June 1927.

_____. An Episode in the History of Social Research: a Memoir. In: FLEMING, D.; BAILYN, B. **The Intellectual Migration: Europe and America 1930-1960.** Harvard University Press, Cambridge, 1969.

_____. The Art of Asking Why. **National Marketing Review**, (S.l.), v. 1, n. 1, p. 26–38, Summer 1935.

_____. **Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie.** éd. 4. Westdeutscher Verlag Editora: Dusseldorf, 1976.

_____. Working with Merton. In: COSER, L.A. (Éd.). **The Ideal of Social Structure.** Papers in Honor of Robert K. Merton. New York: Harcourt Brace Yovanovitch, 1975.

_____. Sociology. In: UNESCO. **Main Trends of Research in the Social and Human Sciences.** vol 1, Paris: Mouton, 1970.

LAZARFELD, S. **Wie die Frau den Mann erlebt.** Wien: Leipzig; Verlag für Sexualwissenschaft, 1931.

LAZARFELD, P. F.; STOUFFER, S. **Research Memorandum of the Family in the Depression,** New York: Social Science Research Council, 1937.

LAZARFELD, P. F.; BERELSON, B.; GAUDET, H. **The People's Choice;** how the Voter Makes up his Mind in a Presidential Campaign. New York: Duell; Sloan and Pearce, 1944.

LESER, N. **Zwischen Reformismus und Bolschewismus**. Der Austromarxismus in Theorie und Praxis, Wien: Europa Verlag, 1968.

MAITRON, J.; HAUPT, G. (Org). **Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier**. vol. I. Autriche; Paris: Les Éd. Ouvrières, 1971.

MAGAT, R. Foundation Reporting. Address presented, before the ninth Biennial Conference on Charitable Foundations. New York University, may 19 1969.

MERTON, R. K. The Role of Applied Social Science in the Formation of Policy: A Research Memorandum, **Journal for the Philosophy of Science**, *New York*, n. 16, p. 161–181, July 1949.

MERTON, R. K.; LAZARSFELD, P. F. **Continuities in Social Research, Studies in the Scope and Method of the American Soldier**. Glencoe, Free Press, 1950.

MORRISON, D. E. Kultur and Culture: the case of Theodor W. Adorno et Paul F. Lazarsfeld, **Social Research**, v. 45, n. 2, 1978.

_____. **Paul Lazarsfeld 1901-1976**. vol. 1./2./3. A Tribute, *Österreichische Zeitschrift für Soziologie*, 1967.

ORGEL, R. **Alfred Adler, Der Mann und sein Werk**. Wien: Urban und Schwarzenberg, 1956.

OCDE. **Les sciences sociales et la politique des gouvernements**. Paris: OCDE, 1965.

ORLANS, H. The Advocacy of Social Science in Europe and America. **Minerva**, (S.I.), XIV, n. 1, p. 6–36, 1976.

POLLAK, Michael. La planification des sciences sociales. **Actes de la recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 2, n. 2-3, p.105–121, juin, 1976.

POPPER, K.R. Über die Unwiderlegbarkeit philosophischer Theorien, *In: SZCEZESNY, G.* (Org.). **Club Voltaire**. vol. I. Aufklärung: Jahrbuch für kritische Aufklärung, 1963.

SELLTITZ, C. **Research Methods in Social Relations**. New York: Mac Graw Hill, 1959. 622 p.

SPAULDING, E. W. **The Quiet Invadors, The Story of the Austrian Impact upon America**. Wien, 1968

STOUFFER, S. A. **The American Soldier. Studies in Social Psychology in World War II**. tomos 4. Princeton University Press, 1949-1950.

TRUMAN, D. B. **Report on an Informal Inquiry into Developing Relations among Social Scientists in Europe**. February 1963. (Arquivos da Fundação Ford).

UNESCO, **Main Trends of Research in the Social and Human Sciences**. vol. 1. Paris: Mouton, 1970.

TESTENOIRE, Marie Louise. **Freud et Vienne en 1900**. Critique, Vienne, (S.n.), p. 339–340, 1975.

ZETTERBERG, H. L. **On Theory and Verification in Sociology**. New York: Free Press, 1966.

Paul F. Lazarsfeld: founder of a scientific multinational

Abstract

In this article, the author examines the social factors which determined the career of Paul F. Lazarsfeld, by attempting to determine the factors of discontinuity and those of continuity beyond discontinuity. Firstly, he analyses the youth of P.F. Lazarsfeld, in relation to the socialist and Jewish milieux of Vienna. He then proceeds to examine differential reactions to the problem of emigration, basing his study particularly on a comparison of the opposing attitudes of Adorno and P.F. Lazarsfeld. He then analyses the specific abilities which have enabled P.F. Lazarsfeld to father a new form of intellectual enterprise, relying on a rational division of labour and an almost industrial organization of intellectual output, this latter being achieved by means of a positivist methodology which enables him to segment and mechanize the various operations of the intellect. To conclude, he examines the strategies by which P.F. Lazarsfeld, supported by the policy of cultural missions, has contributed to the exportation, on the scale of Eastern and Western Europe, of American empiricist sociology, while at the same time promoting a model of the relationships between social research and economic and political agents as elaborated in the United States during the nineteen twenties and thirties, via a strategy of capturing new intellectual markets at the very time when strategies of modernisation and ideological reconquest were taking place in Europe.

Keywords: Sociology of Sociology. Paul F. Lazarsfeld. Internationalization of North-American sociology. Social science and engagement. Private foundations and research funding.

Recebido em: 19.12.2017

Aprovado em: 07.03.2018